

As representações de Vera Silvia Magalhães no filme "O que é isso companheiro?"

Daiane de Jesus Oliveira*

Resumo

O presente artigo busca analisar as representações de Vera Silvia Magalhães presentes no filme "O que é isso companheiro", dirigido por Bruno Barreto. Ela militou no Movimento Revolucionário Oito de Outubro, que atuou na luta armada contra a Ditadura Militar no Brasil, e que foi responsável pela ação de sequestro ao embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick em 1969. Ao compararmos a produção cinematográfica ao livro usado para a escrita do roteiro, foi possível perceber distintas concepções de gênero sobre essa personagem histórica.

Palavras-Chave: Cinema; História das Mulheres; Relações de gênero; Ditadura Militar.

Abstract

In this article we seaches to examine the representation of Vera Silvia Magalhães present in the film "Four days in september", direct by Bruno Barreto. She militated in Revolutionary Movement Eight of October, that acted in the fight against the Military dictatorship in Brazil, and that it was responsible for the action of kidnapping to United States ambassador Charles Burke Elbrick. When comparing the cinematographic production with the used book for the writing of the script, was possible to perceive distinct conceptions of gender on this historical personage.

Key-words: Cinema; Women's history; Gender relations; Military dictatorship.

Introdução

O filme "O que é isso companheiro?" foi lançado em 1997, com a parceria entre Brasil e EUA, teve a direção de Bruno Barreto¹, chegando a ser indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro no Festival de Berlim. O roteiro foi uma adaptação do livro homônimo de Fernando Gabeira², e, elaborada pelo roteirista Leopoldo Serran.³ A história retrata o sequestro do embaixador dos Estados Unidos Charles Burke Elbrick, pelo grupo

* É professora do Ensino Básico da rede particular. Possui graduação em história pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – CE. Especializou-se em Ensino de História: Novas Abordagens pela Faculdade São Luís de França – SE. Mestranda do curso de História da Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: daianemitsune@hotmail.com.

¹ Nasceu no Rio de Janeiro em 16 de março de 1955, começou a carreira em 1967 com o curta *Bahia, à Vista*. Os filmes *Gabriela*, de 1982, e *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de 1978, foram seus maiores sucessos. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Quem/0,6993,EQG930853-3428,00.html>. Acesso: 13/09/2010.

² Começou a carreira como jornalista, aos dezessete anos, foi membro do MR-8 e participou da ação de sequestro ao embaixador dos EUA. Ficou no exílio durante nove anos, retornando ao Brasil em 1979.

³ Escreveu, entre outros, os roteiros dos filmes *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1976), *Bye Bye Brasil* (1979), *Gabriela, Cravo e Canela* (1983) e *Faca de Dois Gumes* (1989). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u435864.shtml>. Acesso: 13/09/2010.

Revolucionário Oito de Outubro (MR-8) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL) no ano de 1969, para libertar prisioneiros políticos e publicar um manifesto revolucionário nos meios de comunicação.

O elenco que fez parte do filme é bastante conhecido pelo público brasileiro por atuarem em telenovelas e mini-séries da Rede Globo. Para citar alguns temos Fernanda Torres, Pedro Cardoso, Luiz Fernando Guimarães, Cláudia Abreu, Caio Junqueira, Selton Melo, entre outros.

Esse filme gerou polêmicas por dar ênfase a ação ao invés das questões políticas e pela maneira como aqueles que participaram da ação de captura ao embaixador americano foram representados. Os ex participantes do MR-8, protestaram o fato de terem aparecido como grupo de idealistas desinformados. Além disso, os parentes, companheiros de luta e amigos de Virgílio Gomes da Silva (Jonas) líder da ação e membro da ANL, não concordaram com a forma que ele foi retratado: autoritário e manipulador (ARAÚJO; FILHO, 2006).

A questão central que pretendemos compreender é a fragmentação de Vera Silva Magalhães em duas personagens: Maria e Renée, que nos faz questionar sobre as possíveis intenções daqueles que fizeram tal adaptação. Não se trata de dizer o que está “certo” ou “errado” no filme, já que este possui liberdade artística e não tem o objetivo de mostrar a “história real”, o que cabe a nós historiadores “é entender o porquê das adaptações, omissões, falsificações que são apresentadas num filme” (NAPOLITANO, 2009, p. 237).

O conceito de representação coletiva utilizado nesse trabalho corresponde ao que foi definido por Roger Chartier (1998). Assim, as representações não são vistas como reflexos do real, mas surgem a partir da realidade social e “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (p. 17). Nesse sentido, é importante percebermos de que forma os produtores do filme apresentaram os homens e mulheres que participaram da resistência à Ditadura Militar.

Empregamos o conceito de gênero enquanto categoria analítica, deste modo, considera-se que as diferenças entre os sexos são constituídas nos campos social e cultural, portanto, não são naturais, mas criadas historicamente. Ele permite observar ainda o lado relacional de gênero, pois devemos considerar que as mulheres da luta armada atuavam ao lado de homens (SOIHET; PEDRO, 2007). Assim, refletiremos sobre qual foi o papel que coube a cada um na representação fílmica.

O filme “O que é isso, companheiro?” se constitui na principal fonte desta pesquisa, as outras estão direta e indiretamente relacionadas a essa obra cinematográfica. No primeiro tipo de documento, usamos o livro “O que é isso, companheiro?” de Fernando Gabeira. No segundo caso, foram utilizados os documentários “Hércules 56”, que conta com a participação de membros do MR-8 e da ANL, e “Vera Silva Magalhães: A história de uma guerrilheira”, que faz parte da série *Memória Política* exibida pela TV Câmara em janeiro de 2004 e traz uma breve biografia e entrevista. Esta última fonte nos dá a oportunidade de saber como a própria Vera Silva percebia a si mesma, em contraposição às demais representações.

Para a realização da análise tivemos que considerar três tempos. Em primeiro lugar, o ano que ocorreu os fatos narrados pelo filme (1969). Em seguida, que a escrita do livro de

Gabeira teve sua primeira edição em 1979. E, por último, o ano em que foi lançada a obra cinematográfica em questão (1997). Portanto, períodos distintos regidos por diferentes formas de percepção do objeto de análise deste artigo.

História e Cinema

O filme passou a ser utilizado como fonte pelos historiadores a partir da década de 70 do século passado. Esse fato se deveu a contribuição da revista *Annales: anais de História econômica e social*, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, que dentre as inovações no campo teórico-metodológico da história, ampliou o conceito de documento, sendo considerado tudo aquilo que nos informa sobre a vida de pessoas que viveram em diferentes épocas.

De acordo com Marc Ferro, essa resistência ocorreu em razão do filme não fazer parte do “universo mental do historiador”, a fonte escrita era para este o manancial da verdade. Essa valorização do escrito também era compartilhada pelas pessoas cultas do início do século XX, que o via “como uma atração de feira” (FERRO, 1976).

Ferro em seu artigo “O filme: uma contra-análise da sociedade?” (1976), expôs abordagens e métodos de análise para filmes de ficção e de atualidades, tornando-se pioneiro nas pesquisas sobre a relação entre cinema e história. No primeiro tipo, é preciso partir do conteúdo aparente (ficção), passando pelo conteúdo latente (ideologia), a fim de encontrar uma realidade social não visível no filme. No segundo tipo, a filmagem de eventos de época possibilitaria encontrar detalhes que passaram despercebidos por seus realizadores. Ferro não analisa os elementos estéticos e a História do Cinema, buscando apenas compreender a sociedade que produz e consome filmes.

No artigo “A História depois do papel: os historiadores e as fontes audiovisuais e musicais”, Marcos Napolitano (2006, p. 244 apud MORETTIN, 2003) expõe algumas críticas a Ferro. Segundo ele, a divisão entre manipulação e verdade por trás do filme não deve existir, porque as imagens podem significar muitas coisas; a ideia de que os filmes menos manipulados (documentários) estariam mais próximos da realidade deve ser combatida, já que todos eles passam por tal processo; e, separar o que é manipulação dos códigos narrativos se constitui um grave erro, pois eles ajudam a construir o sentido da história narrada.

Outro pesquisador que tem inspirado vários outros é o sociólogo Pierre Sorlin, que apoiado na semiótica – ciência geral dos signos – procura entender os elementos da linguagem fílmica (roteiro, cenário, personagens, fotografia e trilha sonora), cuja articulação confere sentidos as produções cinematográficas. Considera, ainda, a importância de saber dados sobre o financiamento, a filmagem, a distribuição e os códigos da época em que foi feito o filme (KORNIS, 1992).

No campo teórico os pesquisadores têm concordado que: as abordagens objetivista (o filme apresentaria a realidade) e subjetivista (o filme seria pura ficção) não são apropriadas para a análise fílmica; o filme é uma construção e como tal não está livre de intenções e da ideologia de seus realizadores; deve ser usado para confirmar ou não o que

existe na tradição escrita. Quanto ao método deve incluir a natureza do filme, até mesmo quando usado no ensino de história (NAPOLITANO, 2009).

Optamos por seguir as orientações de Marcos Napolitano, assim, contemplaremos alguns elementos da linguagem fílmica, principalmente, relacionados à caracterização dos personagens (física e comportamental) e figurino, entre outros aspectos.

Os personagens do filme

A lista abaixo expõe o nome do ator ou atriz, personagem do filme e/ou personagem histórico, a fim de facilitar o entendimento da análise. Alguns personagens usam os nomes reais das pessoas que vivenciaram esse episódio da História.

Nome dos atores e atrizes	Nome dos personagens do filme	Nome dos personagens históricos
Pedro Cardoso	Fernando	Fernando Gabeira
Luís Fernando Guimarães	Marcão	
Cláudia Abreu	Renée	Vera Silvia Magalhães
Fernanda Torres	Maria	Vera Silvia Magalhães
Nélson Dantas	Toledo	Joaquim Câmara Ferreira (conhecido popularmente como Toledo)
Matheus Natchergaele	Jonas	Vírgilio Gomes da Silva (conhecido popularmente como Jonas)
Marco Ricca	Henrique	
Maurício Gonçalves	Brandão	
Caio Junqueira	Júlio	
Selton Mello	Oswaldo	
Eduardo Moscovis	Artur	
Caroline Kava	Elvira Elbrick	Elvira Elbrick
Fernanda Montenegro	Dona Margarida	
Lulu Santos	Sargento Eiras	
Alessandra Negrini	Lília	
Mílton Gonçalves	Antônio Pedro	
Othon Bastos	Militar	
Alan Arkin	Charles Burke Elbrik	Charles Burke Elbrik

Para compreender a representação das personagens Renée e Maria, que atuaram na resistência armada contra Ditadura Militar, é necessário levar em conta as outras mulheres e

também os homens que se relacionam com as primeiras. Não podemos ter o conhecimento de um objeto sem entender a singularidade deste diante dos demais. Desta forma, também atua as pesquisas que se pautam na categoria gênero.

Além das combatentes, aparecem mais três mulheres. A esposa do embaixador dos Estados Unidos, Elvira. Na primeira cena em que aparece, está festejando junto ao marido em comemoração à chegada dos astronautas estadunidenses na lua, numa festa oferecida por membros da Gafieira, ambos dançam com os organizadores, sorrindo e se divertindo, mostrando serem livres de preconceitos quanto a cultura e o povo brasileiro. Em uma das sequências ela está com Elbrick no café da manhã antes do rapto e lhe diz que teve um pesadelo em que o via muito assustado. Em outros momentos surge chorando pelo desaparecimento do esposo.

A personagem Lília é esposa de um dos torturadores. Nas cenas ela surge, primeiramente, acendendo um cigarro para o marido, que assiste ao noticiário em que o jornalista lê o manifesto do MR-8 e ALN. É dessa forma, que ela fica sabendo que a polícia política tortura os presos e, desconfiada, o pergunta se está envolvido, ficando horrorizada ao descobrir o verdadeiro serviço dele. Para compor o ar de inocência e sensualidade, Lília, usa uma camisola branca curta com babado e levemente transparente, com seus longos cabelos pretos.

Por fim, a personagem Dona Margarida denuncia a ação de sequestro. Ela está bem vestida e com joias, observando a janela, demonstrando ser uma senhora da classe média ou alta que vive bisbilhotando a vida dos outros por não ter o que fazer e que serve ao regime militar.

Podemos, então, perceber que as duas primeiras são submissas (acompanhando o marido onde quer que vá; acendendo o cigarro para ele) e estão alheias a situação política do Brasil, enquanto a última ajuda o regime. Sobre um caso semelhante a este, Vera Silvia, diz em entrevista (2004) que foi delatada por uma vizinha, que em troca teve o irmão liberto da pena que cumpria por estupro, mas Dona Margarida não recebe nada em troca, além do possível prazer de servir a "nação".

Renée e Maria possuem em comum o desejo de transformar o país através da luta armada, porém, foram caracterizadas de maneira diferente. A primeira usa roupas da moda, em tons claros, composta por vestidos, minissaias, calças, blusas e uma faixa de cabelo que usa nas primeiras cenas em que aparece. Ela é doce, atira mal, demonstra medo e insegurança na cena do assalto, embora isso não a impeça de usar a arma em sua defesa e de seus companheiros, além disso, lava a camisa de Charles Burke Elbrick, e expressa profunda admiração por ele. Por outro lado, ela também sabe ser sedutora, compõe uma personagem de garota pobre do interior, sem instrução e em busca de trabalho, para conseguir informações sobre o cotidiano do embaixador, chegando a dormir com o chefe de segurança a fim de colher as informações de que precisava.



Renée na ação de assalto a um banco

Maria, em contraste com sua companheira de luta, usa roupas escuras, compostas por calças e camisas largas. É bastante simbólica a cena em que ela está usando calça e blusa pretas dando as instruções aos recém integrantes do MR-8, sendo firme e segura ao falar. No momento do treinamento militar na praia, Oswaldo a chama de “sargentinha”, num tom de desprezo. Em outra cena, Fernando diz que ela atira bem, mas cozinha mal. Dessa forma, o fato de liderar um grupo guerrilheiro a liga ao estereótipo masculino. Porém, ao se relacionar romanticamente com o protagonista Fernando, ela se transforma, com o vestido que usara na ação de expropriação a um banco é beijada por este, e expõe suas fragilidades e medos diante dos fatos ocorridos.



Marcão, Fernando e Maria em treinamento

É interessante notar a construção do personagem Fernando, que usa o nome real do integrante da organização guerrilheira, e como se cria um protagonista ou herói, sendo, por essa razão, necessárias algumas “falsificações”. O filme mostra a entrada dele no MR-8; é ele quem tem a ideia do sequestro e escreve o manifesto. Resumindo, é o “cérebro” do movimento, frente às ideias, por exemplo, do companheiro Marcão, que queria investir o dinheiro que haviam adquirido com as expropriações em armas. Maria, embora seja líder deles, não expressa seu pensamento a respeito.

Franklin Martins fala que a ideia do rapto foi dele e de Cid Queiroz Benjamin, sendo que o manifesto fora escrito por ele (Silvio Da-Rin, 2006). Outra adaptação foi o envolvimento dele com Maria, que representa “uma parte” de Vera Silvia Magalhães. Esta, na ocasião, estava casada com Zé Roberto, também integrante do MR-8, seu envolvimento com Fernando Gabeira se deu no exílio. O relacionamento amoroso entre o “herói e a mocinha” faz parte da composição dos filmes do gênero ação. Daí, de certa forma, serem necessárias

essas “falsificações” e “omissões”, pois não podemos esquecer que o filme também é um produto e como tal depende da aprovação do público, que possui certas expectativas.

Outra diferença entre o roteiro e a história real é que o esposo de Vera Silvia foi assassinado pela polícia política quando fazia panfletagem com ela numa favela do Rio de Janeiro. Já Gabeira foi preso em São Paulo sozinho num apartamento. No filme Fernando vai visitar Maria na casa em que ela se escondia da perseguição do regime militar e ambos são presos. Na última cena os dois são exilados, dando a entender que isso ocorreu junto ao exílio das pessoas que foram libertas através da ação de sequestro ao embaixador dos EUA, quando na verdade se deu após uma nova ação em que a liberdade de um embaixador alemão foi trocada pela soltura de 40 prisioneiros políticos.

Os outros membros do movimento são Marcão, Júlio e Oswaldo. O primeiro foi responsável por conduzir Fernando ao movimento de resistência, escolher os nomes que os novos combatentes iriam usar e lhes dar algumas instruções. A técnica da troca de nome era usada para a própria proteção deles e do grupo e, dessa forma, confundir os investigadores políticos. O segundo entra para a organização no mesmo momento que Paulo, Oswaldo e Renê. Ele parece contente e aplicado nos assuntos da organização, demonstrando profunda admiração por Jonas (ANL). O último morava com Paulo, tendo “caído” no momento da expropriação do banco, sendo torturado, entrega detalhes do movimento. Este demonstrou bastante medo, a ponto de não conseguir atirar no segurança do banco.

Os integrantes da ANL que aparecem no longa metragem foram Jonas, que já foi mencionado por nós anteriormente e Toledo, senhor que apresenta muita calma, clareza e tolerância frente aos jovens do MR-8 e o desdém que Jonas sentia por esses.

Percebemos que certas fragilidades e medos foram atribuídos tanto a homens, quanto a mulheres (incluindo até mesmo o torturador!). Outro exemplo disso é a emoção expressa através de lágrimas do personagem Marcão ao assistir no jornal a leitura do manifesto, os demais estavam felizes, mas demonstraram de forma diferente. Entretanto, não podemos descartar a carga de estereótipos sobre Maria e Renê, que, em seguida, analisaremos com mais detalhes.

Depois de exposta essa descrição dos personagens nos resta perguntar: Afinal, quem foi realmente Vera Silvia? Em que circunstâncias ela resolve entrar num grupo de resistência armada? Como Vera Silvia Magalhães foi representada por Fernando Gabeira no livro “O que é isso companheiro?”? De alguma forma corresponde às representações dela no filme?

Vera Silvia Magalhães

Vera Silvia Araújo Magalhães (1948 – 2007) pertencia a classe média alta do Rio de Janeiro, teve contato com as ideias comunistas através do pai advogado, que apoiava o Partido Comunista Brasileiro. Estudou no Colégio Andrews, que dava liberdade para ela e os amigos divulgarem o pensamento comunista. Fez faculdade de Economia, que no período em que iniciou os estudos, segundo suas palavras passou da “direita” para a “esquerda”. Ela foi secretária de massas do comitê central da União Metropolitana dos Estudantes, cujo presidente era Vladimir Palmeira. Vera e alguns companheiros saem do PCB em 1967 para formar a Dissidência Comunista da Guanabara (DI-GB). Em abril de 1969, com a ajuda de

Franklin Martins escreve uma nova linha de atuação, do pacifismo para a luta armada, única forma que visualizaram para mudar o Brasil, depois do aprofundamento da repressão com a implantação do AI-5. É nesse momento, que adotam o nome Movimento Oito de Outubro (data da morte de Che Guevara na Bolívia), que pertencia ao grupo que havia sido capturado pela repressão, com o intuito de confundir a polícia política. Vera recebeu treinamento militar na floresta da Tijuca, se tornando um importante quadro político e militar dentro do MR-8, segundo a entrevista que deu no documentário da TV Câmara (Ivan Santos, 2004).

O sequestro do embaixador estadunidense, a princípio, seria para libertar Vladimir Palmeira e mostrar a “força das ideias”, mas, depois resolveram pedir a libertação de mais 14 presos políticos. Após essa ação ela levou um tiro na cabeça, chegando a ficar em coma, depois transferida para a prisão. Vera acredita que a ajuda da família impediu seu assassinato, embora não tenha impedido que ela fosse brutalmente torturada. Segundo a mesma, um dos oito homens que a torturou, disse que seria “torturada como um homem”. Os movimentos de suas pernas ficaram comprometidos devido aos choques e ao pau de arara. Magalhães considera que, o tratamento que recebeu foi incomum para uma mulher.

Maria Augusta, também integrante do MR-8 e uma das pessoas que foram libertas pela ação, não fala sobre a tortura, apenas que ficou isolada numa prisão em São Paulo e do “azar de ser a única mulher, fora outras coisas”, em razão da falta de notícia sobre o que acontecia (Silvio Da-Rin, 2006).

Vera Silvia foi a única mulher a participar da ação que mais desafiou o poder do regime militar, ou seja, o sequestro de um diplomata da maior potência mundial, Charles Burke Elbrick. Possivelmente, tenha sido esse o motivo suficiente para os membros da repressão terem feito tal barbaridade com ela. O objetivo da tortura não era apenas conseguir informações, mas destruir as pessoas enquanto indivíduo.

As pesquisas de Ana Maria Colling são referências sobre a história das mulheres que lutaram pela redemocratização do Brasil durante o governo dos militares. Ela usou principalmente fontes orais, constatando que as próprias “julgavam-se sem importância para serem presas juntamente com os homens” (p. 08). De acordo com a autora, a mulher militante era duplamente desqualificada como “puta comunista”, pois além de fazer parte do movimento de esquerda, atuava contra os padrões de comportamento determinados para elas durante esse período, ao entrar para o campo político tradicionalmente reservado aos homens.

É importante diferenciar a *condição de mulher do sujeito mulher* (ARAÚJO, 2005, p. 45). O primeiro indica a biologia feminina. Já o outro se relaciona as atuações do sujeito mulher, que podem ser bastante diversificadas como as de Vera, que era ao mesmo tempo intelectual, defendia uma visão política, tinha treinamento militar, mas cuja beleza é lembrada pelos companheiros. No documentário da TV Câmara (2004), por exemplo, são exibidas fotografias dela, provavelmente, nos anos 50 e 60, vestindo roupas comuns à moda feminina dessas épocas. Deve ter sido esse o motivo de terem exibido imagens apenas da personagem Renée e não de Maria no documentário sobre ela, pela maior semelhança entre as duas.

Representações: do livro ao roteiro

A partir da análise do livro "O que é isso companheiro?" de Fernando Gabeira, e sua relação com o roteiro entenderemos melhor o que levou os realizadores do filme a apresentarem uma visão fragmentária da personagem histórica Vera Silva.

A primeira menção a ela no livro é sobre o relacionamento amoroso entre os dois durante o exílio. A segunda recordação dele se trata de Vera enquanto companheira do grupo guerrilheiro.

MÁRCIA ERA A LOURA DOS ASSALTOS. Mais tarde, conheci outra loura dos assaltos, muitas louras dos assaltos. Cheguei mesmo a ter a impressão de que todas eram as louras dos assaltos! Coloquemos assim: Márcia era a loura dos assaltos à disposição de minha fantasia. Não a conhecia diretamente. Quando entrava em minha casa, seu amigo me pedia que virasse as costas e eu o fazia com exatidão: o suficiente para capturar sua silhueta em movimento e o suficiente para não reconhecê-la jamais. (p. 90)

Márcia foi uma companheira do grupo revolucionário. A "outra loura dos assaltos" que ele se refere é Vera Silva. Ela mesma recorda que ficou conhecida pelos meios de comunicação como a "Loura 90", rendendo notícia de "primeira página nos jornais populares". Esse apelido lhe foi dado em função dela ter usado uma peruca loura como disfarce nas ações. O "90" se devia ao uso que diziam que ela fazia de duas armas calibre 45, mas ela desmente, dizendo que "mal tinha um 38" (Ivan Santos, 2004). Gabeira, ainda, ironiza a mídia da época pelos exageros feitos nas reportagens sobre o assunto.

Os levantamentos de informações feitos por Vera que constam no capítulo 15, foram de grande ajuda para o sucesso da ação de sequestro, segundo Fernando Gabeira. Ainda de acordo com o autor, "os maiores do gênero foram sempre feitos por mulheres. Apesar das sucessivas notícias sobre a participação das mulheres em ações armadas, o peso que da estrutura patriarcal ainda impedia que muitos às associassem à violência ou mesmo a coragem." (p. 98)

Essa contribuição de Vera aparece no longa metragem encenado pela personagem Renée. Fernando Gabeira escreveu que "Vera percebeu no ar que havia sexo e conduziu imediatamente para esse lado" quando conheceu o chefe de segurança. Magalhães comenta a cena de sexo que fica subentendida no longa, dizendo que ela namorou com o chefe de segurança, porém, não houve sexo. O mais importante não é saber se isso aconteceu, mas notar que o filme traz uma versão dessa história que liga o sucesso de Renée na obtenção de dados sobre o cotidiano de Elbrik, ao uso que fez do corpo, em concordância com o que escreveu Gabeira.

Percebemos que todas as passagens do livro "O que é isso companheiro?" que apresentamos foram usadas para compor a personagem Renée. Assim, nos perguntamos: onde está a líder guerrilheira? Coube aos realizadores do filme criarem a personagem Maria, revelando uma visão estereotipada da mulher enquanto líder em assuntos de ordem política.

Embora as personagens Renée e Maria contrastem quanto às suas personalidades, ambas se contrapõem a conduta da maioria das mulheres de 1969, mas quando o filme foi lançado (1997), não era mais novidade ver mulheres atuando no campo político, embora ainda sejam minoria em relação aos homens. No filme, embora as duas tenham sido

exiladas, a segunda por ter assumido o papel “masculino” de líder guerrilheira sofre muito mais na tortura chegando a ficar parálitica.

A historiadora Guacira Louro (2007) explicou como o cinema da década de 40 e 50 construiu representações de gênero usando as oposições comportamentais entre personagens (moça seguidora da moral e dos bons costumes e moça transgressora), que teriam um “final feliz”, casadas e com filhos, se seguissem a conduta moral que vigorava, enquanto as desviantes “são, então, representadas como mulheres “masculinas”, duras, amargas, terminando irremediavelmente sós e infelizes” (p. 437). Podemos enxergar, salvaguardando as diferenças entre as épocas, uma continuidade entre essa visão das mulheres e a que fora apresentada no filme.

Considerações finais

Não pretendemos aqui esgotar a análise dos elementos que compõem o filme “O que é isso, companheiro?”, observamos apenas aqueles que julgamos mais importantes para alcançar o fim que nos propusemos. Tão pouco, quisemos elaborar uma crítica de como o filme deveria ser feito, entretanto, o efeito de real que o filme produz expõe sob uma determinada ótica o evento real do sequestro, incluindo as concepções acerca das mulheres que atuaram na resistência a ditadura militar.

A partir do que foi exposto compreendemos melhor a versão dicotomizada de Vera expressa nas personagens Renée (feminina, sedutora, sensível) e Maria (masculina, autoritária). Assim como o processo de adaptação dos fatos históricos, que leva em conta o gênero do filme e possui limitações quanto ao tempo de duração.

Enquanto Vera Silvia se via como uma intelectual que se tornou um importante quadro político e militar, Fernando Gabeira apenas escreve sobre a importância dela na coleta de informações para as ações guerrilheiras. Quanto ao documentário “Hércules 56”, Vera não chega a ser mencionada.

A complexidade de Vera Silvia Magalhães enquanto sujeito da história não se limita às fontes que foram analisadas, e assim são as representações, sempre parciais.

Fontes

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HÉRCULES 56. Silvio Dá-Rin (dir.). Brasil: Antoniole e Amado Produções Artísticas Ltda/Casablanca Filmes/Dialogo Comunicação/Quanta Centro de Produções Cinematográficas, 2006. 1 filme (93 min.), son, col.

O QUE É ISSO, COMPANHEIRO? Bruno Barreto (dir.). Brasil/EUA: Columbia Tristar Pictures. 1 filme (110 min.), son., col. [Four Days in September].

MEMÓRIA POLÍTICA: VERA SÍLVIA MAGALHÃES – A HISTÓRIA DE UMA GUERRILHEIRA. Ivan Santos (dir.). Brasil: TV Câmara, 2004. 1 filme (60 min.), son., col.

MENDONÇA, Martha. *Reparação história*. Revista época, ed. 207, 06/05/2002. Disponível em: <http://epoca.globo.com/edic/207/brasil8a.htm>. Acessado em: 12/05/2010.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Maria do Socorro G. de; FILHO, Domingos Leite Lima. "O que é isso, companheiro" de Bruno Barreto. (2006).

Disponível em:

http://www.telacritica.org/OQueehIsso_revista03.htm. Acesso em: 10/05/2010.

BONETTI, Alinne de Lima. "Entre femininos e masculinos." Cadernos Pagu (20) 2003, pp. 177-203. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a07.pdf>. Acessado em: 06/07/2010.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Maria Manuela Galhardo (trad.). Lisboa: Difel, 1998.

COLLING, Ana Maria. "As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil". Disponível em: http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_10_ana_colling.pdf. Acessado em 02 de maio de 2010.

FERRO, Marc. "O conhecimento histórico, os filmes e as mídias". Revista O Olho da História. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/artigos/sobremidiasconhecimento.pdf>. Acessado em 05/05/2010.

_____. *O filme: uma contra-análise da sociedade?* In: LEGOFF, Jacques, Nora Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

JEANCOLAS, Jean-Pierre. "Nascimento e desenvolvimento da sala de cinema." Revista O Olho da História. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/artigos/salasdecinema.pdf>. Acessado em 05 de maio de 2010.

KORNIS, Mônica Almeida. "História e cinema: um debate metodológico." Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 237-250.

LOURO, Guacira Lopes. *O cinema como pedagogia*. In: 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o filme em sala de aula*. 4ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *A História depois do papel*. In: Fontes históricas. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

NÓVOA, Jorge. "A teoria da relação cinema-história na reconstrução do paradigma histórico." XXIV Simpósio nacional de história da ANPUH, 2007.

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. "Limites e possibilidades da narrativa histórica audiovisual e o ensino de História." Revista Eletrônica O Olho da História. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.org>. Acessado em 06 de maio de 2010.

PINTO, Luciana. "O historiador e sua relação com o cinema." Revista Eletrônica O Olho da História. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/artigos/historiadoreocinema.pdf>. Acessado em 05 de maio de 2010.

PRIORE, Mary Del. "Viagem pelo imaginário do interior feminino." Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 19, nº 37, set., 1999.

_____. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ROSENSTONE, Robert. "*História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens.*" Revista Eletrônica O Olho da História. Disponível em: <http://oolhodahistoria.org>

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. "*A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de gênero.*" Revista Brasileira da História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

_____. *História das mulheres*. In: Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.